

**Formação e carreira de quadros empresariais em Portugal:
da Aula de Comércio aos MBA**

Sessão temática do XXII Encontro APHES

Coordenação:

Joaquim da Costa Leite (DEGEI-UA)

Ao considerar a formação de quadros empresariais numa perspectiva histórica, é necessário tomar em conta duas orientações diferentes: uma via de conhecimentos essencialmente práticos, técnica e profissionalizante, que entronca na Aula de Comércio fundada em 1759, e tem uma linha de continuidade nas Escolas e Institutos Comerciais e Industriais; e uma via característica de ensino superior, com uma componente de reflexão teórica, inicialmente formando juristas e engenheiros sem específica vocação empresarial.

Curiosamente, o actual Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG) da Universidade Técnica de Lisboa reivindica uma herança praticamente ininterrupta desde a Aula de Comércio (1759-1844), passando sucessivamente pela Escola de Comércio (1844-1869), o Instituto Industrial e Comercial de Lisboa (1869-1911), o Instituto Superior de Comércio (1911-1930), o Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras (1930-1972), e o Instituto Superior de Economia (1972-1989).¹ Aceitando esta complexa herança, a mesma escola simboliza o percurso desde a formação de técnicos—de contabilidade, por exemplo—até à formação de economistas no sentido moderno do termo, e ao ensino mais específico da licenciatura em gestão e dos cursos para executivos.

De forma mais resumida e menos contínua, também a Faculdade de Economia da Universidade do Porto (FEP), fundada em 1953, se considera herdeira da tradição cultural iniciada no Porto com a criação em 1803 da Academia de Marinha e Comércio, transformada em 1837 em Academia Politécnica.²

Nesta sessão não se trata, porém, de avaliar a evolução destas escolas, do seu conteúdo disciplinar e composição curricular, nem tampouco da consolidação sociológica dos respectivos grupos profissionais. Trata-se antes de estudar os percursos profissionais dos quadros empresariais, e do seu contributo técnico, de gestão e administração, para a evolução das empresas.

Depois de considerar o exemplo pioneiro da Aula de Comércio, é dada especial atenção ao período posterior a 1945. No final da Segunda Guerra Mundial, com a crescente

¹ Ver apontamento de Nuno Valério, “Nota histórica”, in www.iseg.utl.pt.

participação de Portugal em espaços económicos alargados—OECE, EFTA, Mercado Comum—e as novas perspectivas de crescimento económico, tanto os organismos públicos como as empresas passaram a exigir novas qualificações nas diferentes áreas técnicas desde a contabilidade à engenharia, e nas funções de gestão.

Nas palavras de Francisco Pereira de Moura, a propósito do ISCEF nos anos cinquenta: "... é um facto que a solicitação de economistas e de licenciados em Finanças (curso pensado para reunir, simultaneamente, as necessidades na Administração Pública e na gestão das empresas) crescia aceleradamente, começando a desenhar-se a figura e a ideologia do "tecnocrata" (aliás, aplicadas também aos engenheiros)".³

O rápido alargamento dos mercados permitia aumentar o volume de negócios, investir em modernas tecnologias e sistemas de produção, combinar empresas e estabelecer grupos económicos. Na ausência de quadros formados especificamente para resolver os problemas de gestão colocados por organizações empresariais que rapidamente assumiram uma dimensão e complexidade até então desconhecidas, os lugares de direcção e conselhos de administração eram preenchidos por pessoas de qualificação heterogénea, em que parece terem avultado juristas e engenheiros, a que se juntaram depois os economistas.

Na situação actual da investigação, o estudo parte das escolas e dos percursos profissionais dos seus licenciados, mas o objectivo aponta para as empresas, nas qualificações obtidas relativamente às suas necessidades de crescimento. Esta é uma área onde reconhecidamente se realizaram grandes progressos nos anos sessenta e setenta, mas onde as empresas portuguesas continuam a registar grandes carências que por sua vez constituem um grande desafio às escolas de economia e gestão.⁴

Estão previstas as seguintes comunicações:

- Lúcia Lima Rodrigues e Delfina Gomes (EEG-UM) "A Aula de Comércio"
- Maria de Lurdes Rodrigues (OCT) "Os engenheiros nas empresas"
- António Alves Caetano "A formação de quadros empresariais pelo ISCEF depois de 1949: algumas reflexões"
- António Almodovar (FEP), Maria de Fátima Brandão (FEP) e Joaquim da Costa Leite (DEGEI-UA) "Os economistas da FEP: Formação e percursos profissionais"

² Ver www.fep.up.pt/historia.

³ "O ensino da Teoria Geral de Keynes no ISCEF/ISE" in Eduardo de Sousa Ferreira e José Luís Cardoso, Cinquentenário da Teoria Geral de Keynes (Lisboa: Instituto Superior de Economia, s/d.) , p. 72.

⁴ "Can Portuguese Management Compete? A survey of senior expatriate managers in Portugal"(Lisboa: Ad Capita International Search, 2002); "Gestores de qualidade precisam-se" Expresso 8 Jun 2002 cad. Emprego, pp. 1, 9.